

6-20-69
ESD

Título: LE SYSTEME VERBAL DU FRANÇAIS CONTEMPORAIN. The Hague, Mouton, 1968, 74 págs.

Autor: Henry G. Schogt, que já lecionou em Paris, Princeton, e agora está em Toronto.

Assunto: Discussão dos problemas suscitados pela análise do sistema verbal do francês contemporâneo. O A. não se ocupou propriamente com o levantamento, classificação e interpretação de ocorrências; antes, servindo-se da quantidade apreciável de estudos disponíveis sobre o verbo francês, discutiu importantes questões suscitadas por esse tipo de trabalho. O livro consta das seguintes partes: Introdução Geral, A Diacronia, O Indicativo, O Subjuntivo, As Expressões substitutivas e a voz passiva. Uma bibliografia seletiva cerra o volume.

Apreciação: Na Introdução, H. Schogt discute as dicotomias saussurianas, cuja repercussão na moderna Linguística escusa lembrar; mostra, por exemplo, a irrupção da diacronia na sincronia (a ocorrência de determinada forma verbal num informante e sua inexistência em outro da mesma época denuncia uma inovação ou um conservadorismo, de qualquer maneira fenômenos dinâmicos, diacrônicos), numa demonstração clara de que "a estabilidade da língua é uma noção relativa" (p. 12); aponta o desacôrdo que reina em tôrno do que é langue e do que é parole ("embora a langue seja 'un système où tout se tient', não é fácil chegar a um esquema em que todo elemento tenha seu lugar que seja condicionado pelo lugar de todos os outros elementos", ibidem).

A dificuldade aqui apontada por Schogt tem levado mais de um lingüista a descartar de sua análise os elementos lingüísticos de difícil enquadramento num claro sistema de oposições; ou, como já tivemos ocasião de observar em trabalhinho anterior, tais lingüistas, "voltados para o estudo da língua tal como a definiu Saussure agastam de suas sistematizações todos os dados lingüísticos que trazem a marca do individual (matizações psicológicas, empregos afetivos, etc.)". Cf. A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português, Marília, FFCL, 1967, nota 21. É bem o caso de repetirmos a

indagação já formulada por A. Alonso no prefácio à tradução espanhola do Cours: o que é mais lingüístico, a langue ou a parole?

Compara a seguir a terminologia utilizada para a indicação das unidades da língua, estuda o problema do pronome e da redundância, o morfema zero, a distinção entre forma e sentido e a gramaticalidade.

No cap. dedicado à diacronia, observa as alterações do som e suas repercussões na Morfologia, analisa as tendências morfológicas (por exemplo, a sujeição da organização do sistema de formas verbais a condicionamentos tais como frequência de uso, analogias, sincretismos, busca de simetria do sistema, substituições e gramaticalização). Por oportuno, lembre-se que Joseph Piel avaliou a influência de alguns desses elementos na constituição do verbo português: "A flexão verbal do português", Biblos 20 (1944), 359-404.

Enumera no cap. III (O Indicativo) algumas características dos tempos verbais, valorizando o papel do contexto e do valor lexical inerente ao semantema verbal, matéria a que bem poucos têm prestado a devida atenção (sobre "contexto zero", v. pág. 38). Mas parece baralhar um pouco as categorias de tempo e aspecto quando analisa o valor "temporal" de um presente de repetição (p. 35) e de um passé simple de "caráter incoativo" (p. 40). Parece-nos que aqui a mudança da categoria atualizadora do verbo deveria impor uma reflexão diferente.

Bem mais fluídico é o valor do subjuntivo, em ~~o~~ cujos empregos alguns têm procurado um valor geral (Imbs, Guillaume), outros, duas ou mais sub-categorias (Wartburg e Zumthor, de Boer), havendo ainda quem se limite a enumerar apenas esses empregos (p. 53).

Creemos que uma conclusão se pode tirar da estimulante leitura deste livro: as formas verbais situam-se num nível de complexidade diverso de das formas nominais. É no verbo que a

polivalência do signo lingüístico se manifesta de um modo mais vivaz, confundindo facilmente as pobres categorias que o esforço analítico vai reconhecendo. Até que ponto o adensamento da complexidade dos verbos se deve ao enfraquecimento do papel de suas formas gramaticais (lembre-se o problema dos morfemas verbais cumulativos) ? Até que ponto esse enfraquecimento libera forças que derivam do semantema verbal e do contexto em que se situa a forma sob análise? Eis aqui matéria para muitas e longas discussões.

Ataliba T. de Castilho